

A devoção natalina de São Francisco

Para reencontrar a nossa “secularidade”, deveríamos procurar responder à pergunta por que Francisco considerava o Natal “a festa das festas” (2Cel 199).

Para muitos teólogos, essa afirmação é uma aberração da piedade popular. No seu parecer, a época pascal (de Sexta-feira Santa até Pentecostes) constitui o ponto alto do Ato litúrgico. De fato, em muitas partes, a festa de Natal foi reduzida a um acontecimento folclórico, sentimental e sem compromisso, uma espécie de fuga da realidade a um mundo tanto interior quanto irreal, que não tem nada que ver com a verdadeira vida.

É possível, porém, ver o Natal também de uma outra maneira. Nas suas teses, o teólogo franciscano Duns Scotus partiu teologicamente do amor de Deus. Deus se identifica de tal modo com o Amor que não pode ser entendido como isolado ou único. Não é, portanto, “um ser que existe para si mesmo”, como foi formulado por vários filósofos. Pelo contrário, Deus é total doação, total entrega. Por isso, quer um mundo onde as criaturas amem a si mesmas e aos outros, formando uma única criação interdependente, que constitui uma espécie de rede, uma realidade definida pelas suas relações mútuas e não pelas suas delimitações e separações. Por este motivo, de um modo insuperável, Deus mesmo se fez presente numa criatura! Jesus de Nazaré. Através dele, deseja amar todo mundo e ser amado por todo mundo. Todos têm de reconhecer onde está o seu centro, para poder crescer à plena unidade no amor.

É por isso que Francisco celebrou a vinda de Deus ao mundo. Para ele, Deus é a encarnação da humildade, que se encontra até nas mínimas coisas: numa criança, que nasce num estábulo, no meio da indigência, da falta de abrigo, na pobreza e na miséria, em todas as necessidades, criadas por uma economia e uma política que permitem e aceitam a situação de refugiados e exilados, de pobres e leprosos como uma espécie de subprodutos. Deus nos convida a procurá-lo no meio dos pobres, também entre as criaturas sofredoras e famintas, entre seres humanos e animais. Por este motivo, Francisco queria conseguir que tanto o Imperador como também “todos os governantes dos povos” no mundo inteiro promulgassem leis que reconhecessem essa verdade. Para ele, o Natal dá o impulso para superar tanto a pobreza, como a fome, para constituir o fundamento da verdadeira humanização das pessoas.

A continuação do Natal acontece na Eucaristia: Deus “*se humilha todos os dias*”, entrando num pedaço insignificante de pão, partilhado pelos que acreditam nele (Adm 1). Deus quer que — diariamente de novo — as pessoas se encontrem juntas na sua presença. Ninguém deveria continuar a se apegar a seus propósitos egoístas, ninguém deveria esconder-se no seu ninho individual, mas todos têm que se levantar de todos os lados para recomeçar a se reencontrar mutuamente e ao mundo inteiro: o mar e o campo, a terra e o céu: tudo há de reviver (CtOrd) e a “beatifica comunhão” (ParPn) que existe no céu há de se tornar visível e reconhecível já aqui na terra.

Natal significa uma subversão diária dos valores e uma transformação radical do comportamento humano. Aquilo que parece pequeno e insignificante tem que ser considerado grande; aquilo que é considerado importante e valioso tem que reverter à categoria das coisas sem valor. Os pensamentos de Deus não são os pensamentos humanos. Os leprosos pertencem ao centro, os poderosos têm de ceder-lhes o lugar central. A Família Franciscana é destinada a trazer a mudança divina e revolucionária para dentro do mundo, assim como Maria o exprimiu no seu canto *Magnificat*.

E é assim que Deus se une irrevogavelmente ao mundo. E somente aqueles que seguem o exemplo de Deus, assumindo o mundo para mudar o seu destino para o bem, estão do lado de Deus. Cruz e Ressurreição são extensões desse pensamento, são condensações, culminações, conseqüências dele. Portanto, Deus chega a ser a força histórica e modificadora para todos os que acreditam na Religião da Encarnação e que dão testemunho dela. Numa carta escrita por Francisco, ele definiu as pessoas que têm fé como “Mães de Deus”. Como Maria, também nós podemos conceber Deus, carregando-o em nós e fazendo-o nascer pelas nossas boas obras. Portanto, podemos contribuir nossa parte, para que Deus esteja realmente presente no mundo, de um modo visível e palpável (cf. 2CFi 53).